



Entrevista com Ana Carolina Marangon: Janusz Korczak, a criança e seu olhar para a infância

Interview with Ana Carolina Marangon: Janusz Korczak, the child and their look at childhood

Entrevista con Ana Carolina Marangon: Janusz Korczak, los niños y su mirada hacia la infancia

Kelly Cristina Ducatti da Silva ¹



<https://orcid.org/0000-0001-5854-4412>

Apresentação

Ana Carolina Rodrigues Marangon é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), com mestrado em Educação Escolar pela mesma universidade (2005) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2011). Seus principais temas de pesquisa e trabalho são: História da Infância e da Educação, Direitos da Criança, Prática e Metodologia do Ensino Fundamental. É autora do livro "Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança: uma vida entre obras", publicado pela Editora UNESP. Tem experiência profissional na docência da Educação Básica e do Ensino Superior e na gestão educacional. Atualmente, é vice-diretora pedagógica na Fundação Bradesco. O convite à autora Ana Carolina Marangon foi realizado e aceito no mês de abril de 2022.

Gravada e transcrita entre os meses de junho e agosto de 2022, a entrevista teve como mote o retorno à leitura de "Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança: uma vida entre obras". Dois objetivos foram traçados como sinalizadores nesta interlocução. Primeiro: apresentar Korczak e seu olhar sensível e original para a criança e a infância. Segundo: ressaltar as contribuições de Korczak no âmbito da Educação Infantil. Trata-se de um diálogo importante para a formação inicial de docentes, bem como para a formação continuada de professores atuantes na Educação Básica, em especial na Educação Infantil.

¹ Doutora em Educação. Professora Associada do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná. E-mail: kcdsilva@uepg.br.

Janusz Korczak, a criança e seu olhar para a infância

Kelly Cristina Ducatti da Silva: O seu livro resgata o percurso de vida e obra de Korczak, apresenta todo o respeito dele para a criança e para a infância. Eu gostaria que você contasse um pouco sobre como foi sua pesquisa e o interesse pela vida e obra do pedagogo polonês Janusz Korczak. Como você inicia sua jornada como pesquisadora?

Ana Carolina Rodrigues Marangon: Fico feliz com suas palavras e agradeço o convite e a oportunidade de falar sobre Janusz Korczak. Eu iniciei minha jornada como pesquisadora ainda no início da graduação. Fiz Pedagogia, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara. No primeiro ano da graduação comecei a participar, como aluna convidada, das reuniões de estudo do PET – na época, intitulado Programa Especial de Treinamento e mantido pela CAPES, depois SESu-MEC. Os grupos PET existem até hoje, mas o nome atual é Programa de Educação Tutorial, e seu vínculo é com o Ministério da Educação. O PET foi criado no final da década de 1970 e tinha como objetivo a formação integral de seus bolsistas, principalmente a partir de atividades extracurriculares, da pesquisa de iniciação científica, dos trabalhos interdisciplinares e coletivos, bem como da participação, planejamento e realização de eventos acadêmicos diversos.

Enfim, logo no primeiro ano de graduação, fui me aproximando do universo de estudo da faculdade e descobri o PET. Comecei a participar das reuniões como ouvinte e, no final do ano, participei do processo seletivo para compor o grupo. Fui selecionada e, desde o início do segundo ano de graduação, atuei como aluna-bolsista do Programa. A partir desse momento, comecei a buscar, com o apoio da então tutora do grupo, a Prof. Dra. Carlota Boto², um tema para minha pesquisa de Iniciação Científica. Foi a Profa. Carlota quem me sugeriu a leitura de um livro do Janusz Korczak. Ela tinha três livros dele na época e me emprestou os três. Eu comecei lendo “Como amar uma criança”. Ele me chamou a atenção, mas é um livro mais denso, porque é ele que apresenta de fato muitas reflexões sobre os diferentes universos da infância para esse autor. Depois dele, li uma biografia intitulada “Janusz Korczak: mestre e mártir, de Zakman Wassertzug”. Essa biografia abriu os meus olhos. Eu a cito muito no livro, porque ela realmente traz muitas informações. É um livro muito bom. A partir desse livro, o

² Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto é professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), onde leciona Filosofia da Educação. Desde 28 de abril de 2022, é Diretora da FEUSP. Formou-se na USP, em Pedagogia e em História. É mestre em História e Filosofia da Educação pela FEUSP, doutora em História Social pela FFLCH/USP e livre-docente em Filosofia da Educação pela FEUSP. É autora dos livros *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*, publicado pela Editora UNESP, *A escola primária como rito de passagem: ler, escrever, contar e se comportar*, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, *A liturgia escolar na Idade Moderna*, publicado pela Editora Papirus, *Instrução pública e projeto civilizador: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola*, publicado pela Editora UNESP e *Educação e ética na Modernidade: uma introdução*, publicado pela Editora Almedina/Edições 70. (Fonte: Currículo Lattes).

interesse surgiu de novo, reacendeu. Aí li “Quando eu voltar a ser criança”. E estava decidido que era isso que eu iria estudar. Segui no PET com os seus projetos de estudos coletivos, a participação e organização de eventos acadêmicos e minha pesquisa individual, que se centrava no estudo sobre Korczak; eu queria entender quem ele era, conhecer a biografia dele. Então, durante os três anos de graduação (segundo, terceiro e quarto), fiz isso, eu estudei a obra dele que tinha sido traduzida para o português e as biografias que tínhamos também em português, pensando nesse trabalho de Iniciação Científica, sob a orientação da professora Carlota. Quando terminei a faculdade, eu tinha o interesse de seguir para o mestrado. Então, já no segundo semestre do quarto ano, que era o último ano de graduação, escrevi um projeto de pesquisa sobre o Korczak para tentar entender quem eram as crianças do Korczak: o que é ser criança para ele e a questão dos direitos da criança, que também era muito latente. Dalmo de Abreu Dallari, por exemplo, trazia muito o Korczak como um referencial do direito da criança. E eu queria entender esse lugar. Então, esses foram os dois carros-chefes do projeto de mestrado. Fui aprovada no processo, fiz o curso de mestrado e desenvolvi a dissertação. Foi assim que ele surgiu e ficou. O livro é um reflexo de seis anos de trabalho acadêmico, de pesquisa, de dedicação durante a iniciação científica e o mestrado.

Kelly: E o livro reflete a sua imersão na pesquisa. A obra de Korczak é atemporal, como a de Paulo Freire, que ecoa em qualquer época e tempo. E com o Korczak eu sinto isso também, ainda mais agora, num tempo de violência, de ódio, de guerra. Ao olhar para as crianças em cenas da guerra na Ucrânia, eu me lembrei muito do Korczak. É uma leitura muito viva e precisamos falar, escrever sobre Korczak.

Ana: Tem um livro novo agora, chamado “O bom doutor de Varsóvia”, de Elisabeth Gifford, uma jornalista. É um romance, então é perceptível que há elementos ficcionais; tem todo um contexto que foi criado. Mas ela traz muitas informações sobre a realidade mesmo, as pessoas, os nomes das pessoas que eram o apoio dele, as relações que ele tinha com o Conselho Judaico, por exemplo, durante o nazismo, enquanto ele esteve no gueto. Embora seja um romance, esse livro traz muitas informações interessantes sobre alguns acontecimentos, e a autora contou com o apoio do filho de um casal muito próximo ao Orfanato, sobrevivente ao holocausto. Acho uma leitura interessante para o público em geral.

Kelly: Eu gosto dos romances. “Quando eu voltar a ser criança” é um romance pedagógico e contribui com o processo formativo do futuro professor. Os nossos estudantes do primeiro ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa leem esse livro como atividade que articula duas disciplinas na série ao momento de inserção escolar e relatam que, após a leitura, não têm mais o mesmo olhar para a criança. É possível observar a diferença, um olhar mais sensível mesmo,

diferente daquele olhar que acredita que a criança não sofre, que criança não sente injustiça. A obra vai desconstruindo isso, fazendo com que se perceba que a criança é sensível, que ela sente tudo, que ela tem muitas emoções em desenvolvimento. Então, o livro é fantástico para trabalhar o olhar do adulto para a criança. Seguindo, você afirma, no seu livro “Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança: uma vida entre obras”, que ele foi um dos educadores mais relevantes do século XX. Por quê? Quem foi Janusz Korczak? O que possibilita essa consideração?

Ana: Eu acho que ele traz grandes contribuições para o olhar para a criança. Nós precisamos entender o momento histórico em que ele viveu. Ele era um médico que se interessou por educação, então se tornou educador depois de ser médico. E ele traz esse olhar da medicina, como, por exemplo, a Montessori, que também era médica. É preciso entender que essas coisas não acontecem ao acaso, que há um contexto a ser entendido. Então, ele traz para o universo da educação um olhar clínico da medicina, a importância de uma observação e que esta seja regrada, atenta, uma escuta ativa tanto da mãe quanto da criança. Eu acho que essa é a grande contribuição do Korczak para o século XX.

Quando pensamos na educação do século XX, houve grandes mudanças pedagógicas, em que saímos de um discurso tradicional. Começamos a desconstruir esse discurso ainda na primeira metade do século, quando discutimos uma educação nova. E passamos o resto do século tentando implementar uma educação nova. Assim, fala-se muito dos modelos pedagógicos. Mas, diferentemente, penso que a grande contribuição do Korczak é de uma filosofia educacional, de uma filosofia para a infância. Quem é a criança? Que direitos esse ser humano tem? Como é que a gente lida com ele?

Kelly: De acordo com as suas pesquisas, qual o motivo do pouco conhecimento sobre esse autor tão relevante para a educação? Isso me chamou a atenção, quando anunciado na sua escrita. E ainda há pouca pesquisa sobre ele? Qual o motivo de ser tão pouco pesquisado?

Ana: Depois de tantos anos de reflexão sobre essa questão — Por que ele é tão pouco pesquisado? Por que ele é tão pouco conhecido no Brasil? — tenho algumas impressões a esse respeito. A primeira delas – e resalto, é uma suposição, não tenho certeza – gira em torno das dificuldades com a língua. O Korczak tem uma grande quantidade de materiais publicados em línguas a que talvez o brasileiro tenha menos acesso, como polonês, russo, alemão; diferente do que ocorre com o inglês e espanhol, por exemplo. E como ele é pouco conhecido, também não há um interesse pela busca. Talvez as pessoas comecem a buscar novas referências quando conseguirmos falar mais sobre ele e trazê-lo mais para as discussões acadêmicas e escolares. Porque eu acho que o lugar de discutir Korczak é também na escola: tem muito da prática pedagógica que pode ser beneficiado com o olhar dele. Outra consideração: percebo que entre os judeus, as famílias de origem judaica, ele é mais conhecido e sua obra é mais discutida, mas isso também não se dissemina para a população em geral.

Kelly: E quais são as contribuições de Janusz Korczak à educação, em especial à educação infantil?

Ana: Eu acho que a grande contribuição dele é o olhar para a infância. Entender a criança como um sujeito de direitos, de desejos, e propiciar a ela esse lugar de fala, esse lugar de escuta, o lugar do diálogo. As grandes contribuições do Korczak são direcionadas às relações com as crianças. Ele nos mostra, a partir da prática dele, o que viveu, o que conseguiu construir, que é possível, por exemplo, que um orfanato seja gerido por crianças. Que elas dão conta de ouvir o outro, de se posicionar, de ficar bravas, de ficar indignadas, de construir um código de conduta... Elas dão conta disso. Então, quem é a criança de dois anos, de três anos, de cinco anos? Quem é a criança? O que se espera dela? Eu acho que essa é a grande contribuição dele: a mudança da nossa perspectiva de aluno.

Kelly: É, eu fico pensando que é mesmo sair desse lugar de adulto e se aproximar da criança. Sempre me vem a cena do livro “Quando eu voltar a ser criança”: aproximar-se se abaixando, indo até a criança. Isso é trazer a perspectiva da criança e não do adulto. E também não a do aluno, mas a da criança. Antes de ter um aluno na escola, nós temos a criança.

Ana: Eu acho que é importante fazermos essa reflexão. Eu tento sempre fazer isso com a minha equipe³. O aluno é a criança institucionalizada. A criança é criança até entrar na escola, quando ela entra na escola, passa a ser aluno. A escola é o primeiro ambiente, depois da família, de socialização da infância e é lá que ela deixa de ser o indivíduo e passa a viver como parte de um coletivo formado de indivíduos que são diferentes entre si, têm valores diferentes, que aprendem com as famílias de maneira diferente; cada família vai ensinar o que acha importante. E, de repente, eles são postos todos numa sala juntos e precisam aprender a conviver com essas diferenças todas. Então, essa é a grande diferença. Até eles entrarem na escola, eles são crianças.

Kelly: Eu também soube pelo livro escrito por você que o Korczak tinha uma prática de se expressar, de escrever em um diário, de fazer anotações, reflexões. Você encontrou dados sobre esses registros, sobre as reflexões que ele fazia? O que você poderia contar sobre a história de vida do Korczak?

³ Ana Carolina Rodrigues Marangon, atualmente é vice-diretora pedagógica de uma escola com cerca de 2500 alunos que têm entre 5 e 10 anos de idade. Na escola, procura contextualizar a construção e o reconhecimento do lugar da criança. Busca conversar com a equipe escolar (administrativa e pedagógica) sobre assuntos diversos que possa refletir o papel a ser desempenhado, a importância das relações entre os adultos e as crianças. Retoma aspectos da história da escolarização, da construção do sentimento de infância, da institucionalização da criança, das discussões sobre métodos de ensino. Enfim, promove reflexões apoiada no entendimento do que é educar, de onde falamos e o que defendemos.

Ana: O Korczak tinha um diário, é um livro que foi publicado no Brasil, chamado “Diário do gueto”. Nesse diário, ele conta o que acontecia enquanto viveu no gueto. É nesse livro que conseguimos ver extratos do dia a dia. Agora, para entender um pouco da vida dele, dos valores que pautaram a sua infância, aí precisamos recorrer às biografias. O “Diário do gueto” traz muito as questões do cotidiano. Tem uma passagem que eu não consigo esquecer em que ele está olhando pela janela e faz a descrição do que vê: tem um soldado do lado de fora com um fuzil. E Korczak fala: “Por que esse soldado não mira na minha careca branca e não me dá um tiro na cabeça?”. Então, ele coloca ali aquela vulnerabilidade. Eu acho que, para além das questões do dia a dia, conseguimos ler nas entrelinhas a tensão que era viver no gueto, as reflexões que aquela situação trazia para ele. Isso conseguimos ver nesse livro. Mas, em língua portuguesa, acho que é a maior referência que há enquanto diário.

Kelly: Para você, pesquisadora dele, quais são os pressupostos pedagógicos de Korczak?

Ana: No orfanato, eu penso que, de alguma maneira, ele foi influenciado pelas discussões que existiam na época, essa circulação de ideias, dessa mudança de lugar do aluno e do professor. Então, quando a gente começa a discutir ideais de escola nova, isso circula pela Europa de um modo geral. Demora alguns anos para chegar aqui, mas na Europa aquilo tudo está circulando e vai chegar no Brasil um pouco depois. Eu imagino que ele não estivesse alheio a isso. Ele estava participando dessa discussão, embora nos livros não cite referência a algum teórico. Ele não se direciona a nenhum grande pensador de antes dele ou da época dele. Mas entendo que ele era uma pessoa bastante atenta. Era um estudioso, participava de círculos de estudo, tinha um programa de rádio, fazia textos para jornais com frequência semanal, então, ele era uma pessoa que tinha bastante interesse pelo cotidiano. Imagino que estivesse imerso nessa questão.

Eu acho que, do ponto de vista de contribuição da prática dele, é para uma escola mais democrática. Embora o orfanato não fosse uma escola, nós temos práticas pedagógicas democráticas muito bem desenvolvidas no orfanato da rua Krochmalna. Por exemplo, o quadro de avisos. Vamos pensar: era um orfanato que tinha um pouco menos de 200 crianças. Eram muitas crianças, e elas moravam lá. Então, como é que se garante a comunicação com elas? Ah, podemos criar um quadro de avisos. Ah, mas e quem não sabe ler? Alguém que lê é tutor dessa criança, porque sempre os mais velhos ajudam os mais novos, ou pode até ser mais novo, mas que está no orfanato há mais tempo, apto para acolher quem está chegando depois. Esses tutores fazem o papel de apoio, porque existiam pouquíssimos adultos educadores. Os adultos estavam ali só mesmo para tentar organizar o que as crianças tinham dificuldades e solicitavam a eles. A prática pedagógica era de autogestão e isso foi construído ao longo de anos com as crianças.

Assim, quando lemos sobre o que acontecia dentro do orfanato, essa é uma grande contribuição para a prática pedagógica de hoje, mesmo quando pensamos em escola. Se existe uma proposta de uma escola mais democrática, em que a criança tenha mais voz, quais instrumentos, quais estratégias podem ser usadas para isso? O Korczak tem muita contribuição nesse sentido.

Podemos atrelar a questão do olhar da criança como sujeito, um sujeito que entende as coisas, que entende a realidade, que sofre ou que é feliz com essa realidade, que tem desejos e que tem direitos. E que tem deveres, porque ele está numa prática coletiva em que todo mundo tem; então, existe uma divisão do trabalho, existe a responsabilidade de cada um, existe o respeito ao espaço do outro. Tudo isso contribui para o nosso olhar para a escola hoje, quando pensamos numa escola que quer um jovem mais protagonista, uma criança mais protagonista.

Kelly: Isso pode ser depreendido, embora não tenha uma construção explícita e delineada dos pressupostos?

Ana: Explicitamente, para o contexto escolar não tem. Mas o livro “Como amar uma criança” apresenta esses instrumentos e estratégias com clareza, pensando no cotidiano do Lar das Crianças. Outro aspecto que podemos ressaltar é o que já mencionamos aqui sobre a circulação de ideias pedagógicas. Na Europa de Korczak, antes da Segunda Guerra, já se falava sobre uma educação mais pautada no interesse dos alunos, no seu envolvimento com a aprendizagem. Korczak era uma pessoa muito atenta. Com certeza, ele conhecia essa discussão.

Tem outro ponto: Ele foi bastante infeliz na escola dele na infância. Imagino que, como adulto que lidava com criança, ele buscasse outras alternativas. A escola que vivenciou foi uma escola muito dura. Quando era criança, a Polônia estava sob o comando da Rússia, ele não podia falar polonês. E não eram todos os judeus que iam à escola, ele tinha uma situação socioeconômica diferenciada. Ele fez faculdade porque tinha uma situação social diferente dos demais. Não era todo judeu que tinha acesso ao estudo, e ao ensino superior menos ainda. Então, acho que também tem essa relação com a escola, a busca por um cuidado, um trato diferente com a criança também tem eco na infância que ele teve.

Kelly: Muito interessante essa informação que você traz. Eu traço um paralelo com os estudantes da Pedagogia, em formação inicial. Chegam no curso exatamente com esse discurso, de que querem ser professores para fazer diferença na vida das crianças, ou porque tiveram uma marca muito difícil, muito dura, muito complexa, às vezes até traumática no processo de alfabetização, por exemplo. E vêm com esse desejo de querer fazer algo diferente do que tiveram. Interessante essa observação da vida desse autor, de como ele vai se constituindo para fazer diferente. Porque me parece, ao ler

“Quando eu voltar a ser criança”, que ele expressa um olhar especial para essa criança personagem dele.

Ana: E são crianças diferentes em cada obra. “Quando eu voltar a ser criança” retrata uma criança mais frágil mesmo, uma criança mais insegura, muito sensível. Ela é mais frágil, diferente da criança do Rei Mateusinho.

Kelly: Você pode contar um pouco sobre isso? Dessas diferentes imagens de criança.

Ana: Quando fiz a pesquisa do mestrado para entender quem é a criança de Korczak, eu me propus a ler tudo o que tivesse dele traduzido para o português. Depois li a biografia em inglês, mas os textos dele li em português. Percebi nessas obras, que são mestras, a partir de uma leitura bastante analítica, que “Quando eu voltar a ser criança” é um romance aberto, é um romance para quem quiser ler sobre o assunto. O “Rei Mateusinho Primeiro” é um romance para crianças, ele anuncia isso no texto. O livro é para crianças. É como se ele dissesse: se você é um adulto que está querendo ler, eu já estou avisando que esse livro não é para você, depois não venha me dizer que o texto não é bom. Não é assim que ele fala, mas é isso que ele quer dizer.

E “Como amar uma criança” é um livro que conta todo o repertório teórico que ele desenvolveu ao longo da vida: a criança na família, a criança no orfanato... é um olhar dele mesmo, é o adulto olhando a criança. Esse adulto que olha a criança vê essa criança como um sujeito de direitos, que precisa ser olhada com carinho, que precisa de uma escuta ativa; ouvir a criança de fato.

É nesse livro que Korczak vai dizer, por exemplo, que a criança não é dona de nada, ela não possui nada, mesmo uma criança rica não possui nada. Tudo o que possui, alguém comprou para ela, alguém pagou com dinheiro. Então, o que é da criança? Aquelas coisas que para o adulto não têm importância nenhuma, significado nenhum: uma pedra bonita que ela achou na rua, um pedaço de galho que é torto e que a lembrou de alguma coisa, uma flor que ele tirou e deu de presente. Isso é, de fato, o que pertence à criança, porque foi ela que conquistou aquilo. Então, quando uma criança dá um presente desse para um adulto, muitos adultos não dão valor, quando, de fato, ela está dando o que conseguiu de melhor, foi o olhar dela, foi sua sensibilidade que a fez enxergar naquele objeto, que é algo que não tem valor financeiro nenhum, um valor emocional, um valor afetivo muito grande. Isso ele traz em “Como amar uma criança”. É sempre essa perspectiva do adulto.

“Quando eu voltar a ser criança” é um exercício bastante grande dele, enquanto adulto, se colocar no lugar da criança. É a história de um professor muito descontente, para quem aparece um gnomo, e ele acorda criança, mas com toda a consciência de adulto. Então, ele começa a olhar o cotidiano infantil com aquele estranhamento, que ele como adulto já não vivenciava mais. Por exemplo, o cavalo está com um problema no casco e ele para prestar atenção, para observar o que está

acontecendo com aquele cavalo, com aquela charrete. Ou ele saiu correndo, porque ficou muito tempo na aula, deu a hora do intervalo e ele não consegue respirar. Ele sai correndo e tromba com o diretor no corredor da escola! Então, poxa, ele estava correndo e faz essa reflexão enquanto criança com a consciência do adulto: “Eu estava correndo, mas ele é o diretor. Ele não tinha enquanto adulto que prever que a gente ia se trombar? Qual a reação que ele tem quando uma criança que está sedenta de mexer as pernas tromba com um adulto que vem caminhando. Esse livro é muito importante porque traz essa reflexão, um olhar do adulto refletindo sobre esse lugar social ocupado pela infância, uma infância que não tem voz ou que tem poucos direitos. Essa ainda é uma criança frágil. Diferente da criança do “Rei Mateusinho”.

A história do Rei Mateusinho é de um menino que fica órfão aos seis anos e precisa ser empossado rei. Para isso, tem toda a junta, as pessoas que vão trabalhar para formá-lo. Ele começa bastante inseguro, mas vai ganhando segurança, até que, de fato, ele cria leis e as crianças mandam no país. E ele passa a ser bastante autônomo, é uma criança muito forte, que passa, de fato, a governar o país. E ele traz as regras, as leis que as crianças queriam. Por exemplo, o dia do doce, em que todo mundo pode comer doce à vontade. Ou dia de não ir à escola, então as escolas estão fechadas. Ele começa a criar leis que interessariam — se formos perguntar aos nossos alunos na escola: “se você pudesse criar uma lei, mudar, o que você mudaria?” — ainda hoje às crianças. São leis muito... convincentes ainda hoje. Convenientes para esse ambiente infantil ainda hoje. E ele vai percebendo que essas coisas não funcionam. Não adianta liberar o doce para todo mundo, que comam à vontade, porque todo mundo vai ter dor de barriga. Vai ficar todo mundo doente em casa e ninguém vai poder sair para brincar. Não adianta proibir o dia da escola, porque a falta da aprendizagem vai impactar outras coisas ou a criança vai deixar de ver os amigos, enfim... Ele começa a fazer reflexões no livro e percebe a necessidade de existirem os adultos. Ele percebe que, embora tenha todo esse poder e amadurecimento que ele mostra ao longo do livro, que não foi fácil conseguir, ele precisa ainda do adulto. Essa é uma criança forte, que aprende a ser destemida e que ao ser desafiada amadurece.

Isso mostra que Korczak não tem um ideal de infância. Criança não é um ser igual e delimitado. Existem crianças más ou que se tornaram más com o que vivenciaram. Quando vemos essas imagens diferentes de infância – frágeis, que precisam ser cuidadas; fortes, que amadurecem com as dores da vida; boas e más, que lidam de maneiras diferentes com o que lhes acontece –, fica claro que ele tem uma consciência muito grande do ser criança. E que esse ser criança não é único. Nós temos crianças que são muito frágeis e nós temos crianças que são muito fortes. Nós temos crianças que são muito boas e temos crianças más. Eu acho que isso é muito rico na obra dele quando a gente analisa essas personagens crianças.

Kelly: Gostei dessa marca que você traz. É a marca da diferença. Da travessia da fragilidade para maturidade nas imagens de criança. Talvez tudo isso que você falou tenha a ver com uma reflexão a partir da leitura que eu fiz. Escrevi assim: “Ao ler o Korczak, é possível se sensibilizar com o olhar dele para a infância. Parece que esse olhar adulto compreendeu a criança que um dia foi e, apoiado nessa aprendizagem, sabe como é ser criança e encontrar recursos internos para interagir empaticamente com o universo infantil”. Quando você falou dessa história triste dele da infância também, de querer fazer algo diferente. Parece que ele consegue encontrar recursos internos para interagir com o universo infantil, sendo adulto, o adulto que ele foi, com empatia por essa infância. O que você pensa sobre isso, sobre essa consideração? Será que ele encontra esses recursos?

Ana: Não sei. Mas acho possível sua consideração. É possível que ele, a partir de sua história de vida, tenha encontrado recursos internos para interagir com as crianças e mesmo buscado caminhos diferentes para se trabalhar com elas. Seus livros retratam sua vida e é preciso conhecer sua vida para entender sua obra pedagógica. Então, me parece que sua reflexão é bastante coerente. De qualquer modo, não há registro, por parte de Korczak, dessa correlação. Nós é que a estamos vislumbrando.

Ele compreende muito a criança com a qual ele trabalha. Ele compreende muito, disso eu não tenho dúvida. Ele tem um olhar muito atento e bondoso. Ele tem um olhar muito empático para a criança. E isso ajuda, porque quando você se coloca no lugar do outro, da criança como um sujeito que tem direito de sentir, de falar, de pensar, você passa a dialogar com ele como um igual. Perde aquilo de: “eu sei mais e você sabe menos”, “eu sei, então você me obedece”. Isso impacta, sim. A minha questão é: a Psicologia nos diz que temos muito da nossa infância em nós; e quando olhamos as biografias de Korczak, vemos a sua infância difícil. Não do ponto de vista financeiro, porque ele vinha de uma família que tinha recursos, mas foi uma infância emocionalmente difícil. Na juventude, passou necessidade financeira depois que o pai faleceu, quando ele tinha 18.

Mas, em alguns momentos, no diário isso aparece e nas biografias vê-se uma importância muito grande da avó, uma presença muito pequena de pai e mãe, uma irmã mais nova com quem ele pouco brincava. Ele era uma criança introspectiva. Frequentou uma escola bastante rígida. Ele era uma criança judia dentro de um país cristão. Isto ele fala no diário: quando seu canário morreu, uma pessoa do lugar, uma empregada de algum lugar do prédio comenta que ele não podia enterrar ou velar o canário, porque ele era um judeu. Como ele foi uma pessoa sensível, como é que tais situações tocaram essa alma infantil?

E como podemos pensar no impacto que isso tem na maneira como ele lida com a criança? Não podemos afirmar pautadas em fontes escritas por ele. Mas conhecendo sua biografia, e considerando o que sabemos hoje sobre o impacto que a infância tem na nossa vida adulta, eu acho difícil pensar que, mesmo que seja inconscientemente, não exista influência. Imagino que sim, que ele

tenha sido impactado. Tanto é que, quando o pai falece e eles ficam numa condição financeira bastante difícil, ele começa a dar aulas para conseguir ajudar a pagar as contas da casa — passa a ser o homem da casa. E vai dar aula com uma mala da qual os alunos tiram objetos. A partir desses objetos, Korczak criava um enredo e ia desenvolvendo um contexto para explicar o conteúdo que aquele aluno precisava aprender. Ele tinha 18 anos. Podemos dizer que ele tinha grandes reflexões pedagógicas aos 18 anos? Parece-me fazer mais sentido compreender que essas situações se remetem a algo como: “Olha, na minha infância eu gostaria de ter aprendido assim”. Coisas meio intuitivas, sabe? Eu imagino que tenha existido essa influência.

Kelly: Exatamente. Ao ler por suas lentes também, eu fiquei com essa questão. Parece que tem algo aí da sua infância que retorna e se apresenta como na ordem do desejo. Do desejo de transformar, do desejo de fazer diferente. A partir dessa consideração, você trouxe elementos importantes até da Didática, disso que defendemos tanto, ensinar a partir da realidade da criança, do contexto real. E aí nós temos uma outra questão. Eu fiquei encantada que você traz uma citação do livro, aliás, são várias, mas quero destacar uma do livro “Como amar uma criança”. Há uma expressão lá de Korczak (1997, p. 106) que você destaca no seu livro. Ele, o autor, com um olhar muito apurado, observou que: [isso aqui me chamou muito a atenção] “há algo da infância presente nos doentes, nos velhos, no soldado, no prisioneiro, um camponês perdido na cidade, um homem da cidade perdido no campo têm esse espanto de criança”. Olhando e escutando agora isso, quem era a criança? O que era a infância para Korczak, a partir dessa citação. Quem era essa criança?

Ana: O ser criança tem âmbitos diferentes dessa compreensão de quem é a criança. O que me parece nessa citação de “Como amar uma criança”, sempre que leio esse trecho, eu me lembro daquela fase da infância do “Por quê? ”, “Por quê? ”, “Por quê? ”. Então, quando estamos dando aula para criança, quando convivemos com criança, percebemos que a criança está descobrindo o mundo, ela não conhece o mundo, o está descobrindo. E para entender o mundo, ela precisa se relacionar: com as pessoas, com os objetos, com os lugares, com o mundo. E ela faz perguntas para entender o mundo. Ela se espanta com as coisas que ela conhece. É esse olhar que, me parece, ele identifica no velho, no soldado, na criança, no camponês, no cidadão urbano. Quando nos colocamos numa situação em que não conhecemos nada, questionamos para entender.

É o doente, que não sabe o que vai acontecer, é o prisioneiro, é o soldado da guerra, é o homem que está perdido, ou no campo ou na cidade. Também é uma infância que não conhece o lugar. É a insegurança de um desconhecimento, não no sentido de desvalorizar o que ela sabe, no sentido de tentar entender o que está acontecendo.

A meu ver, não existe um modelo de criança para Korczak. Acho que existe um olhar muito atento às diferenças e às individualidades. Korczak consegue perceber que as crianças são diferentes entre si, elas mesmas são diferentes de si em situações diferentes. Em algumas situações, a criança é muito forte, muito autoconfiante e, em outras, muito frágil. E faz parte da identidade daquela criança ser assim, faz parte do desenvolvimento dela ser assim. A característica que, me parece, define a criança, independentemente de ela ser frágil ou forte, é essa curiosidade, é esse espanto, é esse desejo de entender o que acontece em volta dela. E a criança realmente não conhece.

Kelly: É potente perceber, quando você apresenta esse olhar para a criança, sem que Korczak a defina. Você marca isso, não há uma definição?

Ana: Mas, ao mesmo tempo, ela é uma criança consciente, ela é uma criança presente. Consciência no sentido de presença, ela existe naquele momento com aquelas necessidades, com aqueles desejos. Ela é um ser presente. Ela é curiosa, ela quer entender o que está acontecendo, mas ela é um sujeito. O outro é diferente dela. Ela é um sujeito único.

Kelly: Curiosa para entender, parece que é isso, e presente ao mesmo tempo, consciente... muito interessante. Já caminhando para o final, como você observa a leitura e o estudo de Korczak no curso de Pedagogia, na formação inicial de professores e também na formação continuada? Essa leitura ainda é tímida ou é presente?

Ana: Eu acho que ela é tímida. Acho que a gente tem ganhado espaços. Não sei se tenho essa impressão porque ele está comigo, mas vou abrindo esse espaço com ele. Para mim, estou ampliando espaços. Mas o Korczak é pouco conhecido no Brasil. Fico feliz de ter participado de uma banca de dissertação⁴, por exemplo, porque me mostra um movimento de interesse, pessoas de um círculo muito diferente que o estão buscando. Então, me parece que existe uma curiosidade maior sobre ele hoje do que lá no começo dos anos 2000, quando eu estudava o Korczak. Eu realmente remava sozinha. Eu e a Carlota. E tinha pouca coisa em português, poucas pessoas falando sobre ele. Hoje, acho que há uma quantidade de material sobre ele já maior mesmo no Brasil. Mas ainda acho que é uma leitura muito tímida. Precisamos de mais pessoas estudiosas de Korczak.

Por exemplo, nessa dissertação de mestrado, foi feito um levantamento do que existe sobre ele. Dos trabalhos acadêmicos em que aparecem referência ao Korczak. A Olini encontrou trabalhos em que se usa suas ideias como referência, mas Korczak como objeto de pesquisa, há apenas o meu mestrado. Faltam trabalhos que tenham o Korczak como fonte. Por outro lado, o que há em língua

⁴ Os caminhos pedagógicos de Janusz Korczak: análise documental de teses e dissertações nacionais de 1999-2017 da autora: Olini Gioconda Dalmasio.

portuguesa para se estudar como fonte? Porque essa é uma dificuldade. Então também entendo um pouco essa questão da produção. Mas acho que a formação de professor e o trabalho nas escolas seriam, ambos, muito enriquecidos a partir do estudo ou das reflexões com o Korczak.

“Quando eu voltar a ser criança” é um livro muito fácil de ler, que com certeza se consegue fazer uma leitura e uma discussão numa equipe de escola, entre profissionais formados, mais experientes, ou alunos de graduação. Existem possibilidades. É diferente, por exemplo, de pedir para estudar o “Como amar uma criança”, que pode ser mais interessante para quem quer entender um pouco melhor as práticas dele.

Então, digamos que a pessoa trabalha numa escola e quer pensar em práticas democráticas. “Como amar uma criança” é interessante. Agora, para trazer esse olhar de respeito, de cuidado, de infância, “Quando eu voltar a ser criança” é uma ótima leitura.

Eu acho que Korczak contribuiria muito, tanto para formação inicial quanto continuada, como também para o trabalho de agentes educativos, dos educadores da escola, os inspetores, os secretários, os educadores, entendendo que todo mundo que trabalha em escola é educador: que olhar é esse que eles têm para a criança?

Kelly: Tem alguma questão que você faria? Ou algo importante dessa pesquisa que você gostaria de mencionar?

Ana: O que é importante destacar é que, diferente dos outros educadores da época, não dá para entender Korczak sem entender a vida dele. Isso porque ele não escreveu livros falando sobre uma teoria. Os livros dele passam muito pela vida que ele tinha e pelo momento de vida em que estava. “Como amar uma criança”, por exemplo, foi escrito no front de guerra. Enquanto ele era médico da guerra, escreveu o livro de como era o orfanato que ele deixou aos cuidados da Stefa⁵ para ir para a guerra. É impossível entender a obra de Korczak sem conhecer a vida dele, e eu acho que esse é um fator muito importante. E é um diferencial desse autor. Não conseguimos entender as proposições sobre o trabalho com a criança sem entender de onde ele falava, o contexto histórico, o contexto social, a vida que teve, a pessoa que era. Para se entender a obra pedagógica de Korczak, é preciso entender quem foi Janusz Korczak, do contrário, o pesquisador fica manco. Também quero acrescentar que, nesses países do Leste Europeu, a Polônia e os países vizinhos, têm muitas marcas de homenagem ao Korczak. No livro que mencionei, “O bom doutor de Varsóvia”, ele é visto como o grande herói da segunda guerra, porque, conseguiu, de fato, manter o ambiente e lutar pelo que acreditava. Ele

⁵ Stefania "Stefa" Wilczinska foi a grande companheira profissional de Korczak. Juntos, cuidaram das crianças e do Lar até o fim. Ao lado deles, Stefa morreu nas câmaras de gás de Treblinka.

conseguiu reconstruir as vivências cotidianas do Lar das Crianças, mantendo um mínimo de sanidade mental enquanto essas crianças foram vivas. Ele é visto como um herói.

Kelly: Agradeço afetosamente à Ana Carolina Rodrigues Marangon, autora do livro "Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança: uma vida entre obras", por sua dedicação ao pesquisar a vida e as obras desse polonês-herói que nos sensibiliza com sua capacidade de observar, entender a infância das crianças do orfanato e, sobretudo, ser defensor delas até o seu último dia de vida.

Referências

MARANGON, Ana. Carolina Rodrigues. **Janusz Korczak, precursor dos direitos da criança: uma vida entre obras**. São Paulo: UNESP, 2007.

Recebido em: 20 de setembro de 2022.

Versão corrigida recebida em: 22 de novembro de 2022.

Aceito em: 22 de novembro de 2022.

Publicado online em: 11 de dezembro de 2022.

